

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n.º 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se números avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

A imprensa da anarchia nestes ultimos tempos tem-se desinstando impudentemente: os objectos mais sagrados não são por ella respeitudos: em quanto as camaras legislativas prohibem até fallar em S. M. o Imperador e sua augusta esposa, os periodicos da facção não tem a menor duvida não só em os trazer á discussão como em attribuir-lhes sentimentos, e procederem, que se não podem attribuir á gente mais meã.

É em quanto assim procede por um lado, por outro prosta-se de roço ante o throno imperial; e em quanto convida o povo á revolta, ao mesmo tempo não tem duvida de descer tão a baixo, como não descem os eunuchos da Turquia; e para melhor encobrir (coitada!) seus fins perversos, pertende imputar seus crimes a um cidadão por muitos titulos respeitavel; um dos mais valentes defensores dos verdadeiros principios monarchicos.

O procedimento da facção não é novo; é a repetição daquillo mesmo que já praticou em 1838 e 1840; não, não somos desmemorindos, que do que então se passou já estejamos esquecidos, e que não possamos fazer a comparação com o que hoje se passa. Quando em 1837 o Sr. Feijó abandonou a regencia, não obrigado pela força, mas muito espontaneamente, e só por que não quiz chamar um ministerio, que governasse com a maioria das camaras, o governo que lhe succeder, persuadiu-se, que devia tratar o Imperador do Brasil com aquelle acatamento, que se lhe deve; o Sr. Pedro de Araujo Lima, hoje visconde de Olinda, sabia que seu antecessor ia no paço de botas, sendo ecclesiastico, e de sobrecasaca cumprimentar a S. M.: pareceu-lhe isto indecoroso, e o mesmo entender o ministerio: na immediata festa da Cruz o regente veio á porta receber a S. M., e não teve duvida beijar-lhe a mão, dobrando o joelho: oh que celeuma se levantou! O Sr. Limpo, o Sr. Ottoni, o Sr. Alvares Machado levantaram suas vozes, e não houve epitheto infamante, que poupassem

O povo inteiro do Brasil repelliu os gritos alesses onorgumentos e a indignação os acolheu.

O anno de 1839 foi empregado em preparativos: o de 1840 viu apparecer novamente a luta: mas então aquelles, que até ahí stigmatizavam o Sr. Araujo Lima por coreunda, servil, escravo, e tido quanto lhes lembrava, começaram a trair a républicano, a elle, e aos ministros que então serviam: não houve então elogio, que fosse poupado a S. M.; ulhiam procural-o, e tempos esquecidos se demoravam com ambas os joelhos no chão, e lhe beijavam a mão quando entravam e quando sahiam; e se mais alguma occasião se lhes proporcionava: o Sr. Araujo Lima e os ministros, então tratados como grandes criminosos, que nada meões tentavam de que usurpar a corôa.

A tatica é ainda a mesma: em quanto por um lado se diz que os ministros tem escravidado a S. M. I., por outro é S. M. atacado com affrontas e vituperios. Por um lado se quer captar a benevolencia de S. M.; por outro a da canalha. E tudo para que: para reassumir por meios illegitimos o que perderiam por meios muito legitimos. E tudo para que? para reassumir o poder á fim de poderem realisar seus negros projectos. E, dizem, para livrar o throno do jugo; mas os que assent dizem são aquelles que em Sorocaba e Barbaçena empunharam as armas para ditar sua vontade ao throno; são aquelles que com mão armada quizeram ditar sua vontade ao poder legislativo. E por ventura quem quiz coagir os poderes legislativo, executivo e moderador, é que estará habilitado para julgar a corôa em conexão e libertal-a? Não, por certo não.

Não somos ministerialista, somos governista; pouco nos importa que os ministros se chamem Pedro ou Paulo, Sancho ou Martinho; mas queremos respeitada a pessoa sagrada do monarcha; queremos não destruidos os principios essenciaes do governo. Conhecemos os homens que por um lado adulam a canalha, e por outro lisonjeam o throno; que tanto uma como outra vez pervertem todas as maximas governamentais, e tudo atropellam para seus fins. Conhecemos os homens que em todos os

ocasiões, no poder e fora delle, não recuam ante os meios mais violentos para levar avante os seus planos. Nós os conhecemos e a nação os conhece: não nos illudem.

Por ventura não nos fallam ali a cada momento no governo de Napoles? E por que nos não fallam no proceder dos Napolitanos? por que não começam por si a reforma? Mas isso não: o governo demitta de si todo o juz coercitivo mas as facções fiquem armadas para repetir as scenas do Pará, do Maranhão, da Bahia, de Minas, de S. Paulo, do Rio Grande!

NEGOCIOS DO SUL.

Segundo as noticias ultimamente recebidas os rebeldes do Rio Grande internaram-se pelo territorio da Cisplatina: Oribe tem a Fructo em graves apuros, e este mandou offerecer ao governo imperial um tratado de alliança offensiva, se não mais alguma cousa: temos pois que os negocios do Sul em vez de se aclararem tem-se tornado um pouco mais embulhados.

Nem Fructo, nem Oribe, nem qualquer outra autoridade da Cisplatina tem poder para desarmar e dispersar os rebeldes para longe das fronteiras, a menos que estes o não queiram. Elles de certo o não quererão: o que fará o governo? fará entrar forças nossas a perseguil-os no territorio estrangeiro? No actual estado dos negocios semelhante medida complicaria mais a posição de Fructo. Mas ainda esta não é a maior difficuldade.

Vencendo Oribe, como tudo faz presumir, e tendo como tem o apoio de Rosas, e sendo, como é, partidista declajado dos farrapos, consentirá que entremos no territorio cisplatino? Será consentir, em que sejam perseguidos os seus amigos. Ora, se não tivesse as costas quentes, facilmente se deixaria vencer a isso; mas tem as costas quentes pelo auxilio de Rosas. Rosas mesmo o ha de aconselhar a que em tal não consinta; por que não só Rosas é tambem inclinado aos farrapos, como mesmo lhe convem promover continuada desordem na provincia do Rio Grande. Para nós as tenções de Rosas não são duvidosas: é unir a Cisplatina ao Estado argentino, ou por federação, ou por submissão, ou seja como fór. Ora, se forem estas as suas tenções é clarissimo, que lhe convem impossibilitar-nos de lhe tomarmos contas. Porem mesmo que não pretenda tal, todavia indubitavelmente quererá ter supremacia no gabinete cisplatino; e para isto é preciso conservar nossa fronteira em constante agitação.

A republica Oriental tem uma fronteira aberta com o Brasil: se o governo de hoje tem bastante niso para não querer estender suas fronteiras, outro pôde vir mais brevemente, que assim não pense: uma invasão na Cisplatina pôde ser feita de um a outro momento. E Rosas sabe muito bem disto; e sabe que o resultado de semelhante passo lhe seria funestissimo. E por estas razões não só não pôde

ollar sem desconfiança para o gabinete do Rio de Janeiro, como ha de procurar enfraquecer-nos naquelles logares, em que o poderemos incommodar. Insistirá pois com Oribe para que faça tudo quanto poder a fim de não serem desarmados os rebeldes do Rio Grande, que entrarem na Cisplatina, nem que consinta, que lá vão ser perseguidos por nossas forças. E se assim o fizer, o que faremos nós?

E se o Estado Oriental se unir por algum modo ao Argentino, o que faremos?

Têm soberanamente errado aquelles que entenderam, que Rosas e Oribe deveriam ter o mais pequeno apoio do Brasil: o que convem ao Brasil é primeiro que tudo a luta entre Oribe e Fructo, ou dous caudilhos quaesquer que sejam. O que convem ao Brasil é que o governo de Buenos Ayres nao predomine no gabinete de Montevideo: ora, o estado actual das cousas afiança o contrario. Fructo teri sido traidor ao Brasil, porem Oribe mostrou-se mais seu inimigo.

Estamos informado que o governo imperial tem exigido e obtido de Rosas as mais solemnes promessas de em nada se ingerir nos negocios de Montevideo, e de respeitar a sua inteira independencia. Mas se o não fizer? Se Montevideo se declarar parte da federação argentina, o que faremos?

As instrucções do gabinete inglez nos Srs. Mandeville e Purvis não terão alguma relação com a negociação do Sr. Ellis? A Inglaterra é garante da independencia da Cisplatina: a união desta á federação argentina seria para o Brasil extraordinario mal. Quererá a Inglaterra trazer Rosas a Montevideo para depois nos fazer comprar a execução do tratado?

Estas questões carecem de maior desenvolvimento, e dão lugar a outras muitas: apontamol-as porrem por hoje, e em outros numeros iremos dizendo mais alguma cousa a respeito. O objecto é da maior transcendencia; e com quanto muito confiamos no gabinete, toda via julgamos preciso despertar a attenção do publico, que todo geralmente clama contra Fructo. Tambem lhe atiramos nossa pedra: mas a sua aniquilação nos hade causar mais males que bens.

DOCTRINA.

Pôde chamar-se opposição um grupo só por que vota contra o ministerio? Não, por certo. A opposição regular em um governo regular tem por fim subir ao poder para pôr em pratica os seus principios e theorias. Para se mostrar capaz de subir ao poder é preciso por tanto apresentar esses principios ou theorias diferentes dos principios e theorias do gabinete. Aquelles que só se oppoem ao ministerio, querem a sua queda, mas não se mostram habilitados para o substituir, e por isso não podem gozar das honras que são devidas á opposição. Para governar o paiz não basta saber destruir, é tambem preciso saber edificar.

De todas as questões, que este anno se tem agitado nas camaras só uma pôde merecer as honras de estabelecer divisa entre o ministerio e a opposição: é a da contribuição directa. Essa sim, é uma questão grande, interessante, de principios: todas as mais são questões pessoais, que em um paiz regular não podem nem devem influir sobre a sorte do gabinete. Os processos dos senadores poderiam ser questões ministeriaes, se ainda estivesse no poder o ministerio de março; mas com o actual, de modo nem-nm.

A contribuição directa tem algumas faces brilhantes: entre nós seria um despropósito; mas a essa admissão importaria uma revolução em nosso systema financial, e por isso a queda do gabinete e do lado, que o sustenta.

E quem se mostrou habilitado para discutir essa questão? apenas e unicamente apenas o Sr. visconde de Abrantes: O Sr. ministro da fazenda não tomou a palavra sobre a materia: o Sr. Paula e Sousa declarou mesmo que não estava habilitado com os esclarecimentos e dados precisos. Mais o Sr. visconde de Abrantes declarou, que a ideia é iradmissivel entre nós. E por isso quasi se pôde dizer, que a questão foi apenas lembrada porem não tratada.

A conclusão do que temos dito é que entre nós ainda ninguem se habilitou para substituir os actuaes ministros a não ser alguns daquelles mesmos, que os apoiam. E valerá para isso a pena de fazer uma mudança ministerial?

PRESO POR TER CÃO, PRESO POR NÃO TER CÃO.

O *Nacional* noticia ao publico, que o Sr. Honorio teve uma grão cruz de Napoles, e que a regeitara: e lhe faz por isto grave censura. Contaremos o facto como nos contaram, para que se veja, que não ha motivo senão para elogios.

O Sr. Honorio conversára com seus collegas, que nenhuma graça deveriam receber em quanto estivessem no poder, só se por antiguidade lhes competisse. Tratando-se o casamento da Sra. D. Francisca, foi-lhe dito, que S. M. o rei dos Francezes lhe enviara uma grão cruz da legião d'honra, a qual elle recusou, por suppor que sendo-lhe essa grão cruz unicamente dada por ser ministro, era uma graça, e que por isso a devia regeitar pelo que com seus collegas havia tratado. Veio de Napoles uma grão cruz designadamente para o ministro da justiça e graças: entendeu elle que o ministro das graças é o do imperio, e que competia tal grão cruz ao ministro, que o era ao tempo, em que se celebrou o tratado: e por isso foi conferida ao Sr. Araujo Vianna. Depois o Sr. Lisboa lhe obteve nova grão cruz; o Sr. Honorio a regeitou, por que se a accitasse, faria uma desfeita a S. M. o rei dos Francezes; e por que já tinha dado a entender, que a não queria, quando não se aproveitou da occasião, e fez dar a outra ao Sr. Araujo Vianna.

O que ha aqui de censuravel? cousa alguma;

antes de elogio pela deferencia a S. M. o rei de França. O Sr. Honorio estima as condecorações, e a prova é que quasi sempre traz a do cruzeiro, com que foi agraciado pelo gabinete transacto. O Sr. Honorio tem dado muitas provas de verdadeiro monarchista; e por isso muita gente lhe tem sanha.

Quem foi a principal causa de se não dar a demissão á regencia trina, quando o Sr. Feijó quiz ficar com os braços soltos?

Quem pôde contentar os homens...! O Sr. Aureliano censurado por aceitar commendas, e o Sr. Honorio por não aceitar-as!

AS GRAÇAS.

Nesta folha escrevemos um artigo antes da chegada de S. M. a imperatriz, em que já previamos, que a facção havia de tratar de augmentar suas fileiras com os descontentes, que nessa occasião devia fazer a distribuição de graças. Dito e feito. Não pôde a facção censurar a distribuição de graças, por que foram em tão pequeno numero, que não ministraram motivo; mas agora quer chamar a seu gremio aquelles, que se cotisaram para os arcos e illuminações, que se fizeram, e que diz a facção, que só o fizeram com esperanza de graças. E' de certo uma injuria, que se faz não tanto no gabinete, como a esses, que se cotisaram. São bem sabidos os seus nomes; e por ventura esses Srs. só concorreriam para taes festejos com esperanza de graças? Os Srs. Joaquim Antonio Ferreira, barão do Bom Fim, Faros, João Gonsalves Pereira, Manoel Lopes Pereira Bahia, José Manoel Ferreira, e outros, e outros, que ali todos conhecemos! que agraciamento quereriam?

Seria necessario que tivessem sentimentos tão baixos como os de quem escreve semelhantes cousas.

Diz-se que o ministerio os mandou chamar, e lhes fez promessas! Santo Deus! Seria o meio de elles logo se recusarem a qualquer convite, que nesse sentido se lhes fizesse. Temos ouvido, que algumas pessoas notaveis desta côrte se dirigiram á casa de um dos ministros a perguntar-lhe se seria do agrado imperial, que se preparassem alguns festejos, ao que elle respondeu, que sim: mas isto não é convite, e ainda menos com promessas.

Repetimos; a maior parte dos nomes, que figuram nessas cotisações, seriam os primeiros a repellir qualquer ideia de agraciamento ou recompensa por semelhante cousa: lisongeamos-nos de conhecê-los. E dão bem triste ideia de si aquelles que outra cousa pensam!...

NOVELLAS.

Os novelleiros, a cuja frente se acha o *Nacional*, tem andado por ahi a formar novos ministerios; por mais que indaguemos, ainda não podemos achar fundamento a taes noticias. Para se ver o absurdo dellas basta notar-se quem são as pessoas que se dizem encarregadas da organização. S. M. o impera-

ador já mostrou como se organisavam ministerios: o primeiro que teve foi composto dos chefes do movimento de julho; o segundo foi composto de alguns membros influentes da opposição; o actual foi organizado pelo Sr. Honorio, um dos membros mais influentes da maioria do senado, e que por muito tempo exerceu a mesma influencia na camara dos deputados. Iria pois S. M. incumbir agora de uma organização ministerial a entès nullo, ou que nenhuma probabilidade tem de conseguir uma maioria?

E' necessario qua os inventores tenham ao menos senso-commun.

RASGO DE PATRIOTISMO.

O EXIMIO PATRIOTA o Sr. Peixoto de Brito mandou, na camara dos deputados, um papel á mesa declarando que cedia o seu subsidio para as urgencias publicas. Disse-lhe o presidente que se entendesse com o ministro da fazenda, a quem o negocio pertencia. Algum tempo esteve o negocio em mortuorio; mas para evitar mais gracejos não teve o Sr. Peixoto de Brito remedio senao officiar ao ministro da fazenda offerecendo o ultimo mez do seu subsidio, limitando assim o seu offerecimento. O ministro da fazenda mandou em consequencia que na folha da camara dos deputados do mez de agosto se tirasse a quantia pertencente ao Sr. Peixoto de Brito; o eximio patriota correu logo a declarar que ainda não era o mez de setembro, que é para o anno. E viva o patriotismo!

LOGICA PATRIOTICA.

O deficit regula por oito mil contos: os impostos que se cream, não produzem essa somma, logo não devem ser votados. Assim tem raciocinado o Sr. Paula e Sousa *et reliqua*. Mas diminuir esse deficit não é um grande passo para algum dia o fazer desaparecer? E será nunca possível impor de uma só vez tanto, que cubra o deficit? Esses Srs. não se incumbem de responder a isto: o que querem é que se não votem imposições. E por que não querem imposições? Por que adquirem popularidade, e conservam a desgraça do paiz. Isto não custa muito a saber.

Egoismo e perversidade tem elles.

EM RESPOSTA.

O contemporaneo do *Nacional* quiz fazer-nos responsavel por algumas doutrinas, que foram emitidas pela gloriosa opposição de 1837: já cabalmente lhe respondemos. Parece porem, que se somos responsavel desse modo, tambem responsavel é o contemporaneo pelo que nos primeiros dous mezes e meio de 1841 escreviam os escriptores ministeriaes. O contemporaneo não negará que a *Regeneração* era nesse tempo o orgão da facção, e exprimia todó o seu pensamento; suas doutrinas eram approvadas plenamente por seus chefes. Ora, essa folha dizia

em o n.º 37 pag. 2.ª col. 3. — As pastas ganham-se ou perdem-se na tribuna. — Este mesmo pensamento se achará por vezes repetido na mesma folha. Agora dir-nos-ha o collega como quer a organização de um gabinete? dir-nos-ha quem se ha de encarregar das pastas? quem são os que tem triumphado na tribuna? O contemporaneo não ha de querer um Deus para si e outro para os mais. Foi elle quem estabeleceu o principio: nós não fazemos mais que tirar-lhe as consequencias.

TEM RAZÃO.

A facção quer que se organize novo ministerio, e tem razão: este não lhe faz conta. E por que se ha de organizar novo ministerio? por que este lhe não faz conta. Mas que razões existem para demittir o actual gabinete? não faz conta á facção. Perdeu a maioria nas camaras? não. Alguma maioria do paiz se lhe tem mostrado hostile? não. Perdeu a confiança do eleitor dos ministros? não. Por que se ha de então organizar outro gabinete? por que o actual não faz conta á facção.

Ora, a fallar a verdade os homens tem razão; a caridade bem-ordenada começa por casa. Se pois podessem obter um cantinho desse poder, por que tanto almejam!...

MONTEVIDEO.

Temos lido nas folhas diarias desta capital não só, que o governo Brasileiro fizera reconhecer o bloqueio de Brown, mas que recusara admittir uma proposta do governo Oriental para uma alliança offensiva e defensiva. Esta proposta fez-nos rir. Por que razão não recorreu Fructo a Bento Gonçalves? não era o seu fiel alliado? Só agora se lembrou do imperio? Com tudo o governo deu a unica resposta, que pod' dar; qualquer outra só serviria para nos comprometter sem proveito.

Promettemos em outro numero tratarmos com especialidade desses negocios: ainda hoje o não podemos fazer por falta de espaço. Só diremos, que a unica politica conveniente por em quanto é a da expectativa.

COITADOS!

O contemporaneo do *Nacional* para encher suas columnas recorre a falsidades reconhecidas: disse que S. M. o rei de Napoles concedera amnistia pelo casamento de sua augusta irmaã! Coitado! para que tal falsidade? S. M. o imperador sabe muito bem o contrario; e vendo o contemporaneo com taes falsidades, que credito lhe dará?

ERRATAS.

Em o n.º 17 a pag. 4 col. 2.ª l. 29 onde diz — *Foqueira*, deve ler-se — *Urquiza*. E na l. 37 onde diz — *Ccontinou*, deve ler-se — *Continuava*.

Já pedimos aos nossos leitores desculpas por faltas deste genero: ordinariamente as não emendamos por não alterarem o sentido; mas julgamos indispensaveis as correções acima.